

2. ΠΡÓΚΛΗΣΗ

ANTÓNIO CONDUTO OLIVEIRA, 1º PRÉMIO
(II CONCURSO DO CONTO DE INSPIRAÇÃO CLÁSSICA,
ESTUDANTE DO ENSINO UNIVERSITÁRIO)

Do templo via-se o mar.

A alvorada erguia-se lenta dos fins do mundo. Esvaía-se do Leste, púrpura sobre azul- profundo, timbrando as nuvens com ouro furtado aos oceanos. Telésforo expirou o ar ainda frio da noite. O Jónico surgia-lhe por cima do ombro como um companheiro constante, uma chapa de bronze, ondulante como as escadas que trepavam encosta acima. Vistas dali, pareciam nascer não dos bosques de Camico, mas sim do próprio Hades. A subida demorara-lhe boa parte da noite alta. Telésforo perguntava-se porque se construía o templo tão lá em cima. Talvez, pensou, fosse para encurtar a distância entre homens e deuses; para que as preces de uns chegassem mais rapidamente aos ouvidos dos outros.

Telésforo não vinha orar, mas sim ofertar. Carregara-lhe os braços o vaso que trouxera para Apolo, moldado na sua roda de oleiro enquanto os primeiros gritos do filho ecoavam nos quartos da casa. Nascera saudável, o rapaz. Pequeno e rechonchudo, faces rosadas e olhos de um verde de oliveira. Telésforo prometera uma oferenda pela saúde da criança, e aqui estava ela. Pintara o seu vaso com Apolo e com Asclépio, pai e filho, mas, por mais fino e meticuloso o traço do desenho, nada se comparava à beleza dos cabelos do menino, pequenos lambdas e pequenos sigmas e outras letras até, todas pretas-noite como os seus.

O oleiro atravessou a ombreira para dentro da frescura sombria do pequeno templo. Era a primeira vez que ali estava. Não fosse a sua limpeza imaculada, dir-se-ia estar num local abandonado. A pedra

parecia ter sido cortada por mãos outras que não as humanas, tal era a lisura e exactidão dos lajedos; os mosaicos na parede brilhavam como se tivessem sido esmaltados a fogo. A estátua de Apolo olhava para ele, olhava *através* dele, para um qualquer ponto longínquo perdido para lá do horizonte. E no entanto, na penumbra por detrás da figura do deus, ecoavam insistentes alguns ruídos. Ratos, provavelmente, ou alguma ave com ninho nos beirais; pois nem as moradas terrenas dos deuses se conseguiam escapar aos ditames da natureza.

O receptáculo das oferendas, peculiarmente despojado delas, parecia ser o único outro ocupante do espaço. Telésforo avançou, depositou o seu vaso junto à base de pedra talhada e olhou para cima. As palavras de gratidão que se preparava para oferecer a Apolo ficaram-lhe travadas na garganta.

Preso por correntes, um par de asas sem dono pendia das traves do telhado, refulgia na pouca luz da madrugada. Ouvira as histórias, claro, mas não as julgara verdade. Assim era com as histórias: rumores e sombras, até se apresentarem em carne e osso ante nós. Ou, neste caso, prata. Prata moldada em penas finas, como mercúrio derramado sobre o dorso de uma águia. Telésforo ergueu uma mão para as afagar-

— Não lhes toques. Voltou-se, alarmado.

Uma silhueta arrancou-se às sombras por detrás da estátua. Telésforo teve de esforçar os olhos para acompanhar os passos lentos mas decididos de um velho para longe do negrume, contra a parede mais próxima. Não era nenhum sacerdote. Eremita, talvez, a julgar pelo pano velho do quíton. Trazia numa das mãos uma ferramenta desconhecida do oleiro; a outra ocultava algo por detrás dos dedos magros. Uma ideia cruzou a mente de Telésforo. Se as asas eram reais, se as histórias eram reais, o seu criador também o seria.

— És Dédalo? — perguntou, tomando um passo em frente.

O homem acenou o mais leve dos acenos e sentou-se contra a parede. Telésforo olhou para o artesão, depois para o receptáculo e para

a sua oferenda. Agora suspeitava saber para onde iam as ofertas dos deuses. O pensamento deixou-o irado, mas Telésforo engoliu-o com um nervosismo súbito. As histórias sobre Dédalo eram contadas da Tirrénia à Samotrácia.

— Construístes este templo?

Dédalo não respondeu. Pousou a ferramenta a seu lado no chão, com cuidado. A outra mão desabrochou como uma flor. A madrugada forçava-se para dentro da sala em feixes de ouro, concentrados no que a Telésforo parecia uma diminuta ave do mesmo material. Não, também não ouro, mas bronze. Era uma pequena cotovia feita de bronze trabalhado, o bico fino e aguçado, a crista eriçada e orgulhosa. O simulacro rodou a cabeça como se olhasse em volta, chiou nas mãos de Dédalo, e ficou-se mudo e hirto uma vez mais entre os dedos do artesão. Como os brinquedos de madeira para as crianças, que se vendiam, lá muito em baixo, na ágora de Camico.

— Pedra por pedra — disse finalmente o artesão, numa voz arrastada; olhar ainda fixo na ave. — Pedra por pedra, até o meu cinzel dar de si.

Telésforo coçou o pescoço, embaraçado. Ficara sem saber como reagir. As palavras que tinha a dirigir a Apolo deveriam ficar apenas entre os dois, assim como o vinho dentro do vaso. Não se queria arriscar a partir sem deixar aviso à divindade. Parecia-lhe no mínimo indelicado, e perigoso a longo prazo. Os deuses das histórias sempre lhe tinham soado a agiotas implacáveis com as dívidas da Humanidade.

Dédalo aproximou-se do receptáculo. O velho agachou-se em frente ao vaso, traçou os contornos de Apolo com o indicador, dedo branco sobre a tinta vermelha, quase fresca de tão nova.

— Excelente técnica — disse secamente.

— Agradeço-te. Fi-lo eu mesmo.

— Oleiro?

Telésforo assentiu. Dédalo manteve-se concentrado no vaso durante um longo tempo. Depois ergueu-se, e regressou à sua parede.

— Ao que vieste?

— Nasceu-me um filho. Vim dar a Apolo o que lhe prometi pela saúde da criança —

esclareceu.

— Um filho... — repetiu Dédalo, e voltou a resguardar-se num silêncio prenhe de significado, que a curiosidade de Telésforo decidiu estilhaçar.

— As asas — inquiriu o oleiro, apontando para o telhado. — São também elas criação tua?

Dédalo olhou para cima. Telésforo engoliu em seco. Nos olhos do artesão brilhava uma fúria gelada, reflectida de algum âmago profundo e não dos raios de Hélios, vindos do mundo lá fora.

As mãos pingavam-lhe cera e penas descartadas.

— Estás pronto? — perguntou.

Ícaro assentiu. Dédalo fê-lo virar-se e lançou-lhe as asas sobre as costas. Deu os últimos ajustes enquanto o rapaz prendia as cordas e fivelas sobre o tronco. O engenho parecia responder bem. A cama de penas dobrar-se-ia com o vento, ágil como água num rio, mas não cederia.

Dédalo recuou para admirar o trabalho. Era como se o rapaz tivesse brotado do ventre logo meio-homem, meio-ave. Ícaro agitou os braços finos e as asas abriram-se, pequeno pássaro testando-se para voar para fora do ninho alto. O ninho de ambos, a torre em que Minos os trancara, a eles sobre a cidade como a Astério nas profundezas do Labirinto. A torre em que Ícaro crescera, longe do solo, apenas com o travo do sal e um rasgo de mar pelas janelas de pedra para lhe ensinar a sua humanidade. O artesão lançou um olhar em volta da sala que lhe era ao mesmo tempo oficina e casa. Deixariam para trás tudo aquilo, todas as riquezas daquela gaiola dourada. Que assim fosse. Afinal, aos pássaros no céu não restava nada senão a liberdade de poderem voar.

Ergueram-se ambos para o parapeito largo da janela. Ícaro preparou-se para tomar voo, mas Dédalo agarrou-o pelo braço.

— Filho...

Os olhos do rapaz, claros como o céu, piscaram curiosos.

— Atrás de mim. O sol é forte, a brisa marinha também, mas a cera não. Vai tudo correr bem — acrescentou, forçando um sorriso a uma face endurecida pelos anos. — Os deuses protegem os injustiçados.

Ícaro assentiu. Dédalo inspirou fundo. Abriu os braços, e saltou.

— As asas... Recebi-as de Atena ela mesma. Um par de asas de prata celestial. —

Dédalo parou por um momento. — Sabes porquê?

Telésforo inclinou a cabeça.

— Ouvi as histórias.

— Histórias — O artesão cuspiu as palavras como se lhe ardessem na língua. — Histórias são as mentiras que o Tempo urde como teias nas nossas cabeças, para ocultar a verdade presa no seu centro.

— Que verdade?

— Que o humor dos deuses é tão cruel quanto os deuses eles mesmos, oleiro. Tão cruel quanto a sua inveja. O Olimpo deu-me estas asas em troca do filho que me roubou. E porquê?

— Eu não...

— Porque as Moiras assim o decidiram — continuou Dédalo, com um rosnado. — Porque as Moiras me decidiram abençoar com um rapaz, a maior maravilha que alguma vez obrei, e negar-lhe uma vida livre. — O olhar do artesão perdeu-se nas traves do telhado. Quando voltou a falar, a voz de Dédalo parecia chegar-lhe de muito longe. — Ousei dar asas ao meu filho para que ele pudesse ser livre como os pássaros, e em vez disso...

Vento. Como as aves no céu, um oceano de vento e céu para explorar. Creta era agora uma memória longínqua. Samos e Delos tinham ficado para trás, contornos fugazes de metrópole perdida em verde, e a pérola de terra que era Lebinto assinalava-lhes agora o rumo da fuga. Dédalo poderia ter berrado de exultação, mas nenhum rugido de felicidade equivaleria alguma vez ao sentimento que o permeava.

Uma pena solitária vagou a seu lado, em direcção ao solo.

Dédalo olhou para trás e depois para cima, com o coração a ameaçar escapar-se-lhe do peito.

— Sinto pela tua perda.

Dédalo inspirou fundo. Sentado no chão, apossado daquela maravilha mecânica, lembrava a Telésforo algum animal feroz encarregado de manter guarda a um local negro, proibido.

— Os deuses mataram-no. Chamaram-lhe destino. E deixaram-me nesta terra com *isto*

— O artesão espetou um dedo para cima. — para que nunca me pudesse esquecer.

Telésforo mordeu o lábio.

— Mas, este templo, as asas... uma oferenda a Apolo, certamente... Dédalo removeu as suas palavras antes de responder.

— Uma última réstia de esperança. Nada mais. Pensei que os deuses se compadecessem de mim, me levassem as asas e corrigissem o seu erro. Mas não. — Dédalo levantou-se. — Os deuses são os mais orgulhosos dos homens. Portanto roubo deles, como eles roubaram de mim.

— Ícaro!

Sob a sua cabeça, o rapaz tentava descer, mas o ar levava-o cada vez mais para cima, cada vez mais para junto do calor mortal do sol. Dédalo berrou para o filho, mas não havia nada que pudesse fazer. Estava tão preso nas suas asas quanto estivera sem elas na torre de Minos. Murmurou uma prece rápida aos deuses para que o ajudassem, mas não havia nada a fazer. A cera ia derretendo na armação das asas, e o rapaz subia, cada vez mais...

Ícaro gritou. E as penas, tantas penas, chovendo como folhas no outono.

— Diz-me, oleiro, que crime cometemos nós contra o Olimpo, ao tentarmos escapar de um tirano?

Que crime, então? A oferenda de Telésforo repousava aos pés de uma das divindades que conspiraram a queda de Ícaro. Ter-se-ia Apolo feito de estátua, ignorante como quem não vê, enquanto o rapaz se despenhava nas ondas?

— Talvez... — arriscou, sem se ter convencido a si mesmo. — Talvez o Homem não tenha sido feito para ter asas.

— Asas? Pela vontade dos deuses, o homem não teria sequer o fogo para lhe aquecer o corpo — Dédalo abanou a cabeça. — Não, oleiro. Os deuses são egoístas. Os deuses são cruéis. Deram-te um filho — disse, e Telésforo temeu que a cotovia se estilhaçasse de raiva na mão do artesão — Quanto tempo até to tirarem?

O travo salgado nos seus lábios não era do mar, mas sim das lágrimas que lhe escorriam pela face.

— Dédalo.

A voz ouvia-se sem existir. A deusa adensou-se à sua frente, torvelinhos de mar tornados carne e ferro — O meu filho... — arquejou.

Os lábios da deusa tremeram num sorriso triste.

— Nem mesmo os deuses têm poder para mudar o Destino, artesão. Há muito que o fio de Ícaro foi enleado na tapeçaria do que É. O que está feito não pode ser desfeito — A deusa deu um passo em frente. — Estende as mãos.

Dédalo estendeu os braços. Sobre eles surgiu um par de asas, verdadeiras asas, brilhantes como escamas de peixe, leves como farrapos de brisa. Deixou de conseguir sentir nos ombros as correias das asas que o tinham trazido até ali.

— Estas não são as asas que construístes, mas as asas que mereceste pelo teu engenho e pela tua perda — A deusa lançou um olhar na direcção das ondas, depois voltou a focar-se no artesão. — Vai, Dédalo. Vai com a bênção dos deuses. Voa como um de nós. Que as asas te transportem para longe da tua dor.

E como surgira, assim Atena se desvaneceu, deixando Dédalo sozinho e quebrado naquele rochedo em que o mar ia bater, o mar que havia tão pouco lhe tragara o filho. E as asas que segurava, a liberdade pela qual arriscara tudo, pareciam-lhe agora uma maldosa artimanha dos Olímpicos. Lágrimas de tristeza tornaram-se lágrimas de raiva e, caindo, juntavam-se às águas do Egeu.

Telésforo não se mexeu. O olhar perdeu-se-lhe no lajedo sob os seus pés. Nos interstícios perfeitos entre a pedra parecia-lhe ver o negro do cabelo do filho, tão frágil, tão perfeito, os cabelos como pequenos lambdas e pequenos sigmas na testa de um rapaz que nunca iria voar. Que estaria para sempre agrilhado na terra, brinquete para o que os deuses e o Destino dele quisessem fazer. Sentiu os olhos húmidos, e conteve-se. Junto ao receptáculo, Dédalo exalou profundamente.

— Vai, oleiro. O teu filho vive, e o teu dever está cumprido. Os deuses não pedem mais de ti por agora.

— Ante a vontade dos deuses, que pode um homem fazer? — indagou, mais para si do que para o artesão.

Em silêncio, Dédalo aproximou-se da entrada do templo, mãos recolhidas contra o peito. Parecia crescer a cada passo em direcção à ombreira, consubstanciar-se na meia-luz. Telésforo viu-o abrir a palma da mão uma vez mais, manobrar uma peça no dorso da cotovia. A maravilha mecânica estremeceu, novamente animada de vida; e para Telésforo era como se Prometeu roubasse a centelha divina uma segunda vez apenas para a encerrar naquele peito metálico. Dédalo esticou a mão. O pássaro ergueu-se na ponta de um dedo, estendeu as asas e voou, para cima, em direcção à Hélade, em direcção ao Olimpo, um rasgo dourado em desafio que desapareceu no azul do céu.

— Desobedecer-lhes — disse o artesão, simplesmente.